

Reconceptualizar a autonomia da Madeira

A Autonomia não se afirma pelo facto de, à custa de muito dinheiro público, duas equipas profissionais de futebol participarem na Taça UEFA de 2005, enquanto o Desporto Escolar contempla, apenas, 10,7% do seu universo e o analfabetismo ronda os 12,7%.

Disparates em catadupa. Como se fossemos anormais, incapazes de cruzar informação e de perceber o que escondem. O pico da histeria foi atingido por um Deputado a querer levar essa conversa da treta que decorre da expressão ?contencioso das autonomias? até às Nações Unidas e pelo Dr. Jardim a ameaçar a retirada da Madeira da União Europeia. Hilariante e ridículo, sem dúvida. Estou mesmo a ver Kofi Anam, Chirac, Berlusconi, Schröder, Zapatero, Blair e outros, de cócoras e borrados de medo com os pedidos de intervenção e as ameaças oriundas de uma ilha cuja população cabe dentro do Estádio do Maracanã. Lítio, meus senhores ou, no mínimo, Xanax, certamente, lhes faria bem. E já agora, um banho de humildade, de cultura democrática e de sensatez. Só que, tal já não será suficiente, porque, ao ponto a que a teia, a intervenção política e os interesses chegaram, parafraseando Jacques Piveteau (1984), o espectáculo que dão na comunicação social ?transformou-se numa droga cujos efeitos não podem acalmar-se senão através do consumo sempre acrescido de doses cada vez maiores?. Vai daí é disparo atrás de disparo, qual masturbação de garganta, eu diria, na feliz expressão do meu Amigo Manuel Sérgio, embora noutra contexto, ?cloroformizante? para a maioria do povo que, infelizmente, encolhe os ombros às vicissitudes da vida e adormece. Do outro lado deste *continuum* que atravessa a rede, estão os de olho aberto e capacidade crítica, embora amorfos, que sabem o porquê da vénia ao poder, o porquê da activa colaboração ao coro e nos aplausos. No meio, aos que rejeitam inspirar o anestésico, a receita do poder é simples: subtilmente, faz-lhes a folha e coloca-os na prateleira. E assim, o sistema, pensam, tenderá para a eternização. Perante este quadro político, maquiavelicamente construído, vem o Chefe falar, paradoxalmente, de uma ?revolução cultural? quando toda esta manobra política assenta, precisamente, na manutenção de baixos níveis culturais, no analfabetismo num sentido lato do termo, na submissão e na pobreza. Que hipocrisia! Ora, o que essa magnânima Europa, que possibilitou milhões para o regabofe político, deveria conhecer era o estado e a qualidade da democracia regional: o que se diz e, sobretudo, o que se não diz mas que constitui o miolo da estratégia de condicionamentos múltiplos em exclusiva defesa da manutenção do poder. Mas como acreditar nessa hipótese se os próprios Órgãos de Soberania ouvem e calam-se perante as ofensas e as comprometedoras enormidades assinadas pelo Dr. Jardim, ele, que é membro do Conselho de Estado?. Não só se curvam como bastas vezes, para que se cale, tecem-lhe elogios, pagam-lhe os calotes e abrem-lhe as portas a doses mais elevadas de intoleráveis posições políticas. O exemplo está na última revisão constitucional com o beneplácito de muito boa gente.

Não é este o entendimento que tenho da Autonomia. Uma coisa é o diálogo político enérgico, transparente e apostado no desenvolvimento, sustentado no princípio que devem ser os madeirenses os obreiros na construção do seu futuro; outra, é servir-se do lugar para a subsistência partidária e para a implementação de teias que, tarde ou cedo, serão dramáticas. O espírito autonómico para que cresça terá de ser reconceptualizado, fundar-se em princípios e valores, na liberdade e na vivência de uma cidadania plena, na democracia dos actos e na pluralidade das opiniões, na cultura, numa escola inclusiva que erradique o analfabetismo, no fim à perseguição, numa economia sustentada, no rigor e no cumprimento dos instrumentos de planeamento. A Autonomia será inculta, trapaceira e não excrescerá a mediania se ficar condicionada aos interesses de um grupo que, neste lapso de tempo histórico, é a principal força política. Por fim, já agora, a Autonomia não se afirma pelo facto de, à custa de muito dinheiro público, duas equipas profissionais de futebol participarem na Taça UEFA de 2005, enquanto o Desporto Escolar contempla, apenas, 10,7% do seu universo e o analfabetismo ronda os 12,7%.